

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 22.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.

SOBRE A SITUAÇÃO DA MULHER

Está aqui no Jornal do Brasil (25/6/80): "Se uma mulher estiver se afogando e for salva por um homem, receberá 100 chibatadas, porque foi tocada por um homem. A nova lei foi baixada pelo ayatollah Nushair, que mmandou prender e aplicar a pena em 4 mulheres que se banhavam em plena praia, "propagando o vício ao aparecer com vestimentas indecentes em lugares públicos".

Eis o que notícia o mesmo JB (13/8/80): "Centenas de jovens mulheres são assassinadas diariamente em países árabes, por causa de um antigo código, concebido para "proteger a honra da família". A informação faz parte de um documento apresentado à ONU pelo Grupo de Defesa das Minorias, que tem sede em Londres.

O mesmo informe explica que muitas moças morrem "degoladas, enterradas vivas, envenenadas ou estripadas por seus pais, irmãos mais velhos, um primo ou um assassino pago". Na Jordânia — diz o informe — um jovem, no começo deste ano, foi sentenciado a duas semanas de prisão, após entregar à polícia a cabeça de sua irmã, que ele decapitou, por ter "ofendido a honra da família", versão aceita pelos jornais locais.

E aqui entre nós, no Brasil? Eis alguns informes da ISTO É (27/8/80), sobre a situação da mulher brasileira: "Olhe, meu problema é sério. Meu marido quer me deixar louca. Ele diz que sou louca, mas não sou louca. Ele é um crápula, sabe que minha biópsia deu CA e fica gritando na minha cara: "Você é uma cancerosa, sai de perto de mim!" Nem televisão ele me deixa ver com ele na sala, me manda pro quarto..." A mu-

lher de voz trêmula, sufocada pelo choro convulsivo, foi uma das dezenas que ligaram para ISTO É, para relatar ameaças, agressões e toda sorte de humilhações que sofrem em casa.

"Elas falavam sempre como a mulher de alguém, pessoas sem nome, cuja história é uma história de humilhações. A primeira a ligar definiu-se como "mulher de motorista", 42 anos, vítima de espancamentos. Por que não vai à polícia? — "A gente tem vergonha", repetiu a palavra, até ser tomada pelo choro. Dona Zenaide, enfermeira, relatou os problemas de uma vizinha que "antes apanhava do marido e agora apanha do irmão". Uma senhora de voz maternal queixou-se de que é traída pelo marido há 15 anos. Antes reclamava, mas agora se cala: "Ele nega tudo, já foi embora de casa 3 vezes, voltou e eu perdoei. Agora não sei o que fazer!" O dramaturgo Nelson Rodrigues, apesar dos 68 anos, não renega sua controvrida teoria, segundo a qual as mulheres gostam de apanhar. Ele cita o caso de uma conhecida que vivia em crise com o marido, até que o encontrou na Av. Rio Branco, de braços com a amante. A crise terminou com estrepitosoentrevero: "A santa mulher a quem me refiro levou soco na cara, soco na boca, soco na orelha, uma tremenda surra. A partir daí, o amor voltou, a atração voltou, e os dois viveram felizes. A violência foi a terapêutica". Caso final: "Recentemente, tivemos o caso de uma mulher que ficou desacordada de tanto apanhar. A polícia limitou-se a dar uma volta no quarteirão com o marido, para acalmá-lo". Isso foi no interior de Minas? Não, foi em Londres!

DO REINO E SUA JUSTIÇA

O DOCE FEL DO GRÃO POETA

- Drummond, o grão poeta, mergulhou no fel da vida a pena lúcida e profetizou para os quatro cantos do mundo a doce ironia de quem, contra toda esperança, ainda espera na conversão do bicho da terra tão pequeno.

- Drummond vê os dois bichinhos e fica feliz: "Dois gatinhos brincando na calçada, sem medo de pedestres e carros, me deram a impressão de que, apesar de tudo, o mundo ainda não está para acabar".

- Drummond observa os poetas premiados e pergunta: "Por que será que quanto mais aumentam os prêmios dos concursos de poesia, há menos poesia legível?"

- Drummond contesta as estruturas e

aceita na loteria: "Dificuldade em definir o Fundo Monetário Internacional: trata-se do Bom ou do Mau Ladrão?"

- Drummond sente as dores dos índios e desmascara: "Os índios continuam querendo terra, mas nós continuamos querendo oferecer-lhes céu".

- Drummond vê o lado bom da crise e agridece: "Ave, crise do petróleo e seus derivados. Os que iam morrer em acidentes de trânsito te saúdam agradecidos".

- Poeta, olhos de criança, olhos profundos e gritantes, como precisamos de teus sonhos, para continuar ainda cren-
do no mundo penoso em que vivemos. Continua falando, doce irmão, que vês longe o que não vemos.

IMAGEM DO ANDRÉ, O MENININHO DE MARIA JOSÉ

1. Dona Érika, que mora ali perto, foi ao edifício visitar amigos. Eram oito e meia da noite. Ia passando, quando escuta um chorinho leve de criança. Olha, examina e vê a sacola de supermercado, cheia, que é onde chora a humanidade desvalida. Chega perto. Chama o porteiro. E descobrem dentro da sacola o menininho, bonitinho, bem cuidado. Junto a mamadeira cheia, a lata de leite em pó, as fraldas e um bichete com o nome do menino que é André e da mãe que é Maria José. Ai, como rimam na dissônnância da vida.

2. Seu João, o porteiro, diz que viu sim senhor, mas não sabia. Viu ela chegar na entrada do prédio. Primeiro de tarde. Depois apareceu de novo de noitinha, desta vez com uma dona bem apresentada e mais dois moços. Conheço sim senhor. É uma tal de Maria José, que foi empregada do seu Sérgio aqui no prédio, mas ela saiu do emprego, sim senhor, porque mandaram ela embora na semana passada. Tava, sim senhor, nas duas vezes ela tava com o menininho no colo. Só que eu não vi ela largar o menininho.

3. A coisa vai parar na delegacia. Não tem jeito não, minha gente. Que mulher dura, meu Deus. Dura? Como é dura, se o menininho tá bem tratado, repare que até mamadeira tinha na sacola. Aí tem outro problema. Na 15º DP há reboliço. Que fofinho, pessoso. O soldado quer ficar com André. Mas a lei não permite assim não sem mais nem menos. Maria José depõe e explica. O doutor delegado libera-a. E teu Andrezinho, Maria José? Maria José enxuga uma lágrima, morde os beiços, baixa a cabeça, imagem da solidão total. (A. H.)

3º DOMINGO DO TEMPO COMUM (25-01-1981)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.
Cânticos: "Missa do Menino e sua Mãe". Lp das Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA


1. Meu irmão, vamos cantar, eu
não vou cantar só! Se sozinho
rezo bem, com você vai melhor.
Jesus Cristo, Deus nos céus! Jesus Cristo
em Belém! Jesus Cristo entre nós! Como
é bom amar assim!
2. Onde dois ou três estão reunidos no
amor, também reza entre nós Cristo,
nossa Senhor.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do
Espírito Santo.

P. Amém.

S. Irmãos, a graça de Deus esteja com
todos vocês, que amam nosso Senhor
Jesus Cristo com fidelidade inabalável.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no
amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Longe do templo e das grandezas
de Jerusalém, em meio ao povo humilde
de história sofrida, Jesus faz o primei-
ro anúncio de que o Reino de Deus está
para chegar. Quando chegar, as trevas
se dissiparão e brilhará a luz. Na lin-
guagem profética, trevas significam es-
cravidão e luz significa liberdade. O
Reino de Deus trará luz e liberdade.
Deus há de jogar fora o jugo que pesa
no pescoço dos filhos e quebrará o açoite
que lhes dilacerá as costas. As botas
que batem firmes no chão e as roupas
manchadas com sangue dos irmãos, Deus
vai entregar definitivamente como pasto
das chamas. Ao fazer o primeiro anún-
cio, Jesus convoca os primeiros seguidores.
Proclamando a proximidade do Reino
e chamando os apóstolos, Jesus ensina
que a chegada deste Reino é tra-
balho dos apóstolos. Não só das figuras
históricas do começo da Igreja, mas de
todos nós, que fomos chamados e aqui
estamos, a fim de receber a ordem do
dia. A pessoa é tanto mais cristã quanto
mais sente a responsabilidade pelo Evan-
gelho e nele se engaja; é tanto menos
cristã quanto mais fica esperando van-
tagens dos ritos religiosos que pratica.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, reconheçamos as nossas cul-
pas, para celebrar dignamente os san-
tos mistérios (ou uma exortação pessoal
à penitência; depois, pausa para revisão
de vida). Confessemos os nossos pecados:
P. Confesso a Deus todo-poderoso / e a
vós, irmãos, / que pelei muitas vezes /
por pensamentos e palavras / atos e
omissões / por minha culpa / minha
tão grande culpa (bate no peito duas
vezes). / E peço à Virgem Maria / aos
anjos e santos e a vós, irmãos, / que
rogueis por mim a Deus, nosso Senhor.
S. Deus todo-poderoso tenha compaixão
de nós, perdoe os nossos pecados e nos
conduza à vida eterna. P. Amém.
S. Senhor, tende piedade de nós.
P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, tende piedade de nós.
P. Cristo, tende piedade de nós.
S. Senhor, tende piedade de nós.
P. Senhor, tende piedade de nós.

5 GLÓRIA

Glória! Glória a Deus nos céus! Ao Deus
que é santo e bom nosso louvor.

1. Mas ao Cristo Menino nos braços da
Mãe, não os gritos nem hinos nem voz
de louvor, mas só gestos de fé, alegria
e paz, só ternura, carinho e calor.
2. No presépio deitado entre palhas e
flor, Jesus Cristo recebe o rei e o pas-
tor. Deus se fez pequenino e se fez Sal-
vador. Glória à Mãe e a seu Filho
Menino!

6 COLETA

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso,
ajudai a dirigirmos nossa vida de acordo
com os ensinamentos do vosso amor; vi-
vendo assim como vosso Filho viveu, da-
remos aos nossos irmãos os frutos da
justiça fraterna, da amizade e da paz.
Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso
Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA


C. A 1º leitura é tirada do Li-
vro do Profeta Isaías (8,23b-
9,4). Deus jogará fora o jugo
do pescoço de seu povo e quebrará o
açoite que lhe dilacera as costas.

L. Leitura do Livro do Profeta Isaías: «No passado, o Senhor hu-
milhou a terra de Zabulon e a terra de Neftali, mas no futuro cobri-
rá de honras o Caminho do mar, a outra banda do Jordão e a Galiléia dos gentios. O povo que anda-
va nas trevas viu uma grande luz. Sobre aqueles que habitavam uma
região tenebrosa resplandeceu a luz. Como é grande o júbilo que
causastes e enorme a alegria! Rejubilam-se na vossa presença como
os que se rejubilam no tempo da colheita, como se regozijam os que
repartem os despojos. Porque o ju-
go que o oprimia e a vara que lhe
dilacerava as costas, vós os que-
brastes, como na vitória de Ma-
dian. Porque toda bota que bate
firme no chão e toda veste man-
chada de sangue serão entregues
como pasto das chamas». — Palavra
do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Profetas anunciam e Cristo se encar-
nou. O que era só mistério nascendo se
revelou.

1. Como o seio de Maria é fecundo e dá
a luz, toda a História amadurece, fruti-
fica em Jesus.

2. Cristo nasce no silêncio e na paz do
coração. Nossa vida deve sempre revelar
ao irmão.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A 2º leitura é tirada da 1º Carta de
Paulo aos Coríntios (1,10-13.17). Não
fomos batizados para pertencermos a
igrejinhas, mas para sermos no mundo
os transmissores da Boa-Nova de li-
bertação.

L. Leitura da 1º Carta de Paul-
os Coríntios: «Irmãos, eu os exor-
to em nome de Nosso Senhor Jesus
Cristo; sejam unidos no falar e não
haja divisões no meio de vocês. Se-
jam unânimes no mesmo pensar e
no mesmo sentir. Eu lhes falo isso,
irmãos, porque soube, pelos fami-
liares de Cloé, que está havendo
discórdias entre vocês. Parece que
cada um de vocês está dizendo
assim: «Eu sou de Paulo», «eu sou
de Apolo», «eu sou de Pedro», «eu
sou de Cristo». Será que Cristo
está dividido? Ou será que Paul
foi crucificado por vocês ou vocês
foram batizados em nome de Paul
ou de Cristo? Saibam então que Cristo não
me enviou para batizar mas para
evangelizar; e isto não por meio de
sábios palavrões, para que não se
tire a força da cruz de Cristo. —
Palavra do Senhor. P. Graças a
Deus.

10 ACLAMAÇÃO


Alezua, aleluia, aleluia, aleluia
1. Aos pastores na noite em pa-
veio o anjo anunciando a luz.
Encontraram a Virgem Mãe e, em si-
colo, feliz Jesus.
2. No evangelho que vou ouvir, eu en-
contro a Jesus também. Quero ouvir o que
vai dizer, quero alegre vivê-lo. Amém.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A 3º leitura é tirada do Evangelho
de Mateus (4,12-23). Longe das gran-
dezas de Jerusalém, Jesus faz o primei-
ro anúncio do Reino de Deus e convo-
ca os apóstolos para se dedicarem a este
Reino.

S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós.
S. Evangelho de Jesus Cristo segundo
Mateus.
P. Glória a vós, Senhor.
«Tendo ouvido que João fora pre-
so, Jesus retirou-se para a Galiléia. Deixando Nazaré, foi morar
em Cafarnaum, cidade situada à
beira-mar, nos limites de Zabulon
e Neftali, para que se cumprisse
o que anunciou o profeta Isaías:
«Terra de Zabulon e terra de Neftali, caminho do mar, outra banda
do Jordão, Galiléia dos gentios! O
povo que jazia nas trevas viu uma
grande luz; e para os que estavam

na região da sombra e da morte uma luz se levantou». Aí então Jesus começou a pregar ao povo: «Convertam-se porque o Reino de Deus está se aproximando». Caminhando perto do mar da Galiléia, ele viu dois irmãos: Simão que se chama Pedro e André seu irmão, os quais estavam lançando a rede ao mar, pois eram pescadores, e lhes disse: «Sigam-me e eu farei de vocês pescadores de homens». Eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram. Passando mais adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que na barca, junto com o pai, consertavam as redes, e os chamou. Deixando logo a barca e o pai, eles o seguiram. Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, anunciando a Boa-Nova do Reino e curando as doenças e enfermidades do povo».

— Palavra da salvação. P. Louvor a vós, ó Cristo.

12 PREGAÇÃO

(No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE NOSSA FÉ

S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra. /
É em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso
Senhor, / que foi concebido pelo poder
do Espírito Santo / nasceu da Virgem
Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi
crucificado, morto e sepultado / desceu
à mansão dos mortos / ressuscitou ao
terceiro dia / subiu aos céus / onde está
sentado à direita de Deus Pai todo-
poderoso / donde há de vir a julgar os
vivos e os mortos. / Creio no Espírito
Santo / na santa Igreja católica / na
comunhão dos santos / na remissão dos
pecados / na ressurreição da carne / na
vida eterna. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, acabamos de ver que ser cristão significa sentir-se responsável pelo Reino de Deus. Elevemos ao Pai as precisões de nossa comunidade, pedindo sobretudo que ele nos faça apóstolos do seu Evangelho:

L1. Para que entendamos cada vez mais a fé como chamamento para sermos apóstolos do Reino de Deus, rezemos ao Senhor.

L2. Para que entendamos ser apóstolos não romanticamente, mas como agentes de pastoral na comunidade onde Deus nos coloca, rezemos ao Senhor.

L3. Para que a reflexão da palavra de Deus nos dê clareza interior para dirimir as maledicências e fomentarmos a união, rezemos ao Senhor. *

L4. Para que nossa comunidade não dê, aos que estão afastados, o mau exemplo de fofocas e igrejinhas, que tanto atrapalam a aceitação do Evangelho, rezemos ao Senhor.

L5. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor Deus, escutai nossos pedidos e olhai nossa boa vontade; queremos vi-

ver como o vosso Filho, pondo nossas qualidades a serviço dos irmãos e cumprindo a missão cristã de transformar nosso mundo em vosso Reino; contamos com a presença do Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO



Vou levar a Deus no altar meus dons, o bem que pratiquei e meus desejos bons.

1. Sobre o altar oferecemos o pão e o vinho ao Senhor, como Cristo recebeu coisas simples do pastor.

2. Os reis magos lhe trouxeram seus presentes de valor; sendo igual o coração, vale o rei, vale o pastor.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Ó Deus, acolhei com bondade as oferendas que vos apresentamos, para que elas não signifiquem mais a comida que mata a fome do corpo, mas o alimento da fé que quer se manifestar em amor e serviço aos irmãos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

17 PREFÁCIO (próprio)

Santo, santo é Deus nas alturas! Santo, santo é o Menino Deus.

Sobre as nuvens Deus e entre os anjos Deus. Bem maior que o céu, maior que tudo é Deus. No presépio é um pequenino Deus. Entre as mãos da Mãe é um pequenino amor.

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Todas as vezes que comemos deste pão / e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte / enquanto esperamos a vossa vinda.

19 CORDEIRO DE DEUS

Cordeiro de Deus, Cristo nosso Irmão: Cristo, bom pastor, de todos tenha compaixão.

1. Nosso coração traiu, quando a vida mais pesou. Nós pedimos seu perdão, pelo amor que não bastou.

2. Quantas vezes ofender, tantas vezes voltará; nosso pobre coração seu amor perdoará.

20 CANTO DA COMUNHÃO



Os anjos vêm cantando no céu, cantando felizes que Cristo nasceu.

1. Os pastores levam os seus presentes, vão cantando, também estão contentes. Na esperança falam sua alegria e encontram Deus feito uma criança nos braços de Maria.

2. Deus agora ao seu altar nos chama, nos convida a vir porque nos ama. Comunguemos cheios de alegria Jesus Cristo feito também pequeno na santa Eucaristia.

21 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Deus todo-poderoso, escutando vossa palavra e recebendo o pão eucarístico, alimentamos a vida nova, que nos veio através de Jesus Cristo; esta vida nova apareça cada vez mais em nós, através da disponibilidade às inspirações da graça e às necessidades da comunidade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

RITO FINAL

22 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. Na comunidade de Corinto, a Igreja virou torcida: uns eram do lado de Paulo, outros de Pedro, outros de Apolo e outros de Cristo. O pessoal esperou milhares de anos para, quando chegasse o evangelho, eles o esterilizarem com separações. Para isso, podiam ter continuado no contexto pagão e não seria preciso Cristo. A comunidade de Corinto ensina: Cristo mal entendido não liberta e pode até ser empregado como porta-bandeira de torcidas. Examinemos nossa comunidade local: há divisões dentro dela? Há grupinhos que se combatem? As discordâncias, naturais em todos os grupos humanos, provocam desunião? Minha presença na comunidade aumenta a união ou fomenta a discórdia?

23 CANTO FINAL

Guiados pela voz dos anjos e da fé, achamos Deus Menino, com Maria e José.

1. Ó Príncipe da paz, ó Deus libertador, transforme nossa vida em aliança de amor.

2. Trocamos dons com Deus, trouxemos vinho e pão, e agora comungamos, recebendo a salvação.

3. Saindo agora eu vou cumprir minha missão e Cristo, Deus conosco, levarei a cada irmão.

24 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo.

P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém.

LEITURAS PARA A SEMANA:

Segunda-feira: Hb 9,15.24-28; Mc 3,22-30 / Terça-feira: Hb 10,1-10; Mc 3,31-35

/ Quarta-feira: Hb 10,11-18; Mc 4,1-20

/ Quinta-feira: Hb 10,19-25; Mc 4,21-25

/ Sexta-feira: Hb 10,32-39; Mc 4,26-34

/ Sábado: Hb 11,1-2.8-10; Mc 4,35-40 / Domingo: Sf 2,3; 3,2-13; 1Cor 1,26-31; Mt 5,1-12a.

DISPONIBILIDADE: ABERTURA PARA OS SINAIS DOS TEMPOS

A DISPONIBILIDADE NÃO É SÓ UMA CONDIÇÃO INTERIOR

Quando pensamos em disponibilidade, pensamos em despojamento. Disponível foi Cristo, que "tomou a condição de servo" e "se fez pobre, embora fosse rico". Disponibilidade tiveram os santos e heróis, que foram por aí "sem ouro nem prata, nem alforge para o caminho". A disponibilidade é uma condição interior e, neste sentido, é o oposto da suficiência e do orgulho, mas é também algo a ser criado e adquirido pelas paróquias, equipes, grupos e agentes de pastoral da diocese. As paróquias estão empenhadas na renovação, mas nem todas o fazem da mesma maneira.

Há aquelas que procuram a renovação servindo-se dos próprios quadros tradicionais. Outras introduzem quadros novos, grupos de evangelização, equipes de liturgia etc., ao lado dos quadros antigos. Há, finalmente, as paróquias que

querem começar tudo de novo, porque não acreditam na força renovadora das velhas e veneradas instituições do passado.

Para estas paróquias, as instituições do passado parecem muito pesadas e sonolentas para os caminhos novos. O importante é que elas criem a disponibilidade para a tarefa urgente, rompam os hábitos que entravam a caminhada, deixem os esquemas mentais individualistas e se ponham realmente a caminho.

MUITOS ESTÃO ALARMADOS E INQUIETOS

Se a ação da Igreja é libertadora, ela deverá ser lugar de libertação, para que, em sua vida, transpareça a mensagem de que é portadora. A partir deste princípio, o culto é aliviado de certas complicações que impediam a visão do essencial e estreitavam a disponibilidade. A instituição procura ser realmente um serviço e não um privilégio.

Isso dá novo sentido à autoridade e à obediência. A aplicação destes princípios deixa muitos padres e fiéis alarmados e inquietos. Ciumentos dos valores da tradição, não percebem que assistimos a uma redescoberta da dimensão comunitária da fé, a novas formas de viver a fé, a uma lenta mas constante emergência de certos valores que andavam adormecidos há séculos.

Sugestões para os grupos: 1. O que impede a disponibilidade dos cristãos para o Evangelho? 2. Em que situação está sua paróquia em relação à renovação da Igreja? 3. Alguns gostariam de um bispo mais autoritário, de um vigário mais exigente. Que pensa você? 4. A Igreja Católica sempre se caracterizou por sua unidade e pela obediência ao Papa. Você acha que estas características mudaram? Se houve mudança, foi para melhor ou para pior?

COMO ERA A VIDA NO POVOADO DE NAZARÉ

(C. Mesters, *Maria, a Mãe de Jesus*, Ed. Vozes)

O TRABALHO: A população de Nazaré vivia sobretudo da lavoura. Trabalhava na roça. Um ou outro, como Jesus, prestava, além disso, algum serviço à comunidade como carpinteiro ou ferreiro. É por isso que Jesus contava tantas parábolas sobre a lavoura, a semente, as árvores e as flores. Ele conhecia todas essas coisas por própria experiência.

A roça não era deles. Eles eram apenas moradores. Havia uma espécie de latifúndio. Os donos da terra moravam sobretudo na cidade de Tiberíades, que ficava perto do lago. As mulheres viviam em casa — vida mais retraída — cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Saíam para buscar água na fonte e encher o pote em casa.

A SITUAÇÃO DO PAÍS: À primeira vista, Nazaré parece ter sido uma cidadinha simpática e tranquila. Mas não era tranquila. O país era ocupado pelos romanos, estrangeiros que exigiam impostos pesados do povo, cobrados por fiscais a que o Evangelho dá o nome de publicanos. A maioria dos publicanos era gente desonesta que roubava muito.

Os romanos fizeram até um recenseamento, em vista da arrecadação do dinheiro. Os latifundiários fizeram amizade com os romanos e passavam bem. O povo pobre é que sofria. Por isso, começou a surgir um movimento para lutar contra os romanos. Os membros deste movimento de libertação chamavam-se *zelotes*. A maior parte deles vinha da Galileia. Era gente violenta. Quando podiam, matavam os soldados romanos, sobretudo na escuridão da noite.

Isso provocava repressões violentas em que corria muito sangue. Estas e outras coisas o povo comentava a boca pequena, quando ia buscar água na fonte.

MINISTÉRIO DA PALAVRA

LIBERDADE, PAZ E AMOR

A Folha: Na entrevista anterior o senhor disse, a propósito das tensões entre liberdade e autoridade, que só o amor permite ajustá-las devidamente. O senhor pode explicar melhor este pensamento?

Dom Adriano: Eu parto daquela convicção profunda da Igreja: "Deus é amor e quem fica no amor, fica em Deus e Deus fica nele" (1Jo 4,16). O amor é pluriforme e plurivalente. Corre perigo de ser deformado pelo amor-próprio e pelo egoísmo. Aqui entra uma dimensão objetiva que nos pode preservar de deformações e nos dá uma idéia clara, pelo menos mais clara, nos conflitos entre liberdade e autoridade. A dimensão objetiva é o bem do irmão, o bem do Povo. Quando, em nossa Igreja, acontecer um conflito entre a autoridade e a liberdade, deveríamos tentar descobrir onde é que se encontra o esforço de servir o Povo de Deus e outros irmãos: é na autoridade? ou é na liberdade? Não direi que todos os conflitos se resolvem, digo apenas que a idéia do serviço como expressão de amor e de uma autoridade que serve nos ajuda a descobrir onde está a verdade e por isso mesmo a razão.

A Folha: Mas quando o serviço do Povo numa comunidade entra em choque com a autoridade do bispo ou mesmo com a autoridade do Papa?

Dom Adriano: Depois de um longo período de centralização da autoridade, seria conveniente rever, à luz do Vaticano II e da Teologia, à luz também do Magistério e da melhor tradição de nossa Igreja, toda a vida eclesiástica, para conservar centralizado o que, no interesse do Povo de Deus, deve estar centralizado e para também no interesse do Povo de Deus descentralizar o que pode ser descentralizado. Desde o Concílio Vaticano II já se modificou um bocado de coisa. Valorizou-se mais a Igreja particular. Restituíram-se ao bispo diversas atribuições que no correr dos tempos lhes foram tomadas, para fortificar a autoridade do Santo Padre.

Havendo uma distribuição mais eqüitativa de autoridade na Igreja, talvez diminuam os conflitos. Mais importante do que a diminuição dos conflitos entre autoridade e liberdade me parece ser o bem do Povo de Deus. O respeito ao Povo de Deus espalhado pelo mundo inteiro pede que se respeitem as diversas culturas, tradições e qualidades dos diversos povos. Aliás, é isto o que ensina o Vaticano II em diversos documentos. Assim lemos na constituição Lumen Gentium (LG 13): "Em virtude desta catolicidade cada uma das partes traz seus próprios dons às demais partes e a toda a Igreja. Assim o todo e cada uma das partes aumentam, comunicando entre si todas as riquezas e aspirando à plenitude na unidade".

A Folha: O senhor acha que a Santa Sé abrirá mão da autoridade centralista que se desenvolveu nos últimos séculos?

Dom Adriano: Já se têm mudado muitas coisas. As Conferências Episcopais receberam certas atribuições que antes eram reservadas à Santa Sé. Os bispos receberam mais poder decisório. No entanto o processo de valorização das Igrejas particulares está apenas começando. Também dentro das dioceses e dentro das paróquias começou um processo de valorização das comunidades de base, de participação das bases na pastoral. Certamente haverá tensões fortes entre a preservação da unidade fundamental, que é um sinal da Igreja de Cristo, e a valorização das Igrejas particulares. Mas serão tensões fecundantes e enriquecedoras que corresponderão a situações concretas dos diversos povos e das comunidades de Igreja. A reflexão teológica, as práticas pastorais, a consciência mais clara da dignidade da pessoa e das comunidades humanas, os impulsos do Vaticano II, a ação do Espírito Santo em sua Igreja, tudo isto nos anuncia aspectos novos de uma Igreja que se esforça em harmonizar os postulados da autoridade que serve, com os postulados da liberdade que assume.